

PIBID NA EDUCAÇÃO MUSICAL: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL

PAULO ROBERTO DOS SANTOS¹; FRANCINE DILLI RIBEIRO²; GLORIA MARIA VIEIRA DOS SANTOS³; WILLIAN DIOU MATOS⁴; LUANA MEDINA DE BARROS⁵; REGIANA BLANK WILLE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – paulinho79musicaufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – francinedr.rib@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - gm67142@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - williandiou@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - luanamedinas@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No final do primeiro semestre, os alunos da graduação em música licenciatura ingressaram no edital do PIBID/Música (nº30/2022), sendo selecionado oito alunos em diferentes semestres, direcionados para uma escola de educação infantil em Pelotas, supervisionado por uma professora de música atuante na escola desde 2022. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior - CAPES busca inserir o graduando nos espaços escolares em parceria com as escolas na rede pública de ensino para o aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a educação básica (CAPES).

A partir da efetivação do edital no mês de julho de 2023, deu-se início às atividades com encontros presenciais e assíncronos semanais, buscando aprimorar os conteúdos musicais. Assim, durante os encontros dos pibidianos com a professora de música foram abordados os desafios encontrados na ministração das aulas de música na educação musical especial, como também o conhecimento aprofundado de deficiências e transtornos.

O termo educação musical especial é denominado por MORALES; BELLOCHIO (2009) a partir de estudos musicais para alunos com necessidades especiais, buscando apresentar e classificar os trabalhos que envolvem educação musical e necessidades especiais e/ou deficiências.

Diante dos desafios da educação musical especial nos espaços escolares, destacamos textos com assuntos voltados para o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA (LOURO, 2012; OLIVEIRA et al., 2013), Deficiência intelectual (DUARTE, 2018), Superdotação e altas habilidades (REBELO, 2016). Os transtornos, deficiências e síndromes estão cada vez mais presentes nos espaços escolares em alunos neurodivergentes (ORTEGA, 2008) a partir das leis e decretos organizados em meados dos anos 90 com a declaração de Salamanca (GLAT; FERNANDES, 2005).

2. METODOLOGIA

Os estudos sobre educação musical especial foram realizados a partir de textos que expusessem o assunto, convergindo para discussões e fomentações na formação docente do graduando em música. Assim, utilizamos como referencial LOURO (2012), SCHMIDT (2016) e OLIVEIRA (2013) para discursarem sobre o

tema, buscando contribuições e conhecimentos nas observações, planejamento e envolvimento dos pibidianos com alunos neurodivergentes na sala de aula.

A partir dos estudos sobre educação musical especial, destacamos que uma criança neurotípica é aquela que não manifesta alterações neurológicas (ORTEGA, 2008), ou seja, ela possui uma predisposição maior em se adaptar a novas propostas, pouca dificuldades em socializar e não tem a fala comprometida. Já as crianças neurodivergentes apresentam um funcionamento neurológico diferente do comportamento esperado na socialização (ORTEGA, 2008), isto é, demonstram comprometimentos na coordenação motora, socialização, adaptação, podendo ter também a fala comprometida.

Os desafios da educação musical especial são diversos a partir das especificidades de cada aluno, que estimula o docente em formação para o conhecimento e preparação de conteúdos que inclua o aluno nas atividades musicais propostas. Um dos principais desafios no ensino de música na educação especial é fazer com que o aluno se sinta acolhido pelo restante da turma e além disso, fazer com que ele consiga atingir os objetivos propostos nas aulas (LOURO, 2012). Também é comum a falta de meios que possam contribuir para que esse aluno não acabe ficando isolado e a mercê na aula, com falta de equipamento e preparo necessário para com o mesmo.

A educação musical se torna um grande aliado na educação especial a partir das estratégias lúdicas, expressivas e padrões repetitivos que auxiliam no envolvimento e aprendizado do aluno a partir da organização neurológica (LOURO, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As inquietações que levaram o grupo de pibidianos a discursarem sobre o tema educação musical especial foi a baixa abordagem sobre o tema dentro da universidade (FANTINI et al., 2016), pois acreditamos ser cada vez mais necessário e importante que esse tema seja abordado no ambiente acadêmico. Tendo em vista que a própria universidade abriga alunos com esses transtornos, como também alunos que participam de projetos que a universidade oferece para a comunidade. Esses alunos chegam até nós com o transtorno, alguns com diagnóstico e outros sem o diagnóstico. A partir da permanência do aluno participando do projeto, é observado que essa criança pode ter alguma necessidade especial, como transtorno ou debilidade neurológica.

Os relatos dos pibidianos a partir das visitas escolares e dos encontros síncronos trouxeram questionamentos diante dos desafios enquanto docentes em formação nos espaços escolares, principalmente nas adaptações e preparação de conteúdos na sala de aula.

Nos encontros semanais na escola, um dos pibidianos acompanhou um aluno com autismo severo durante a aula de música na segunda semana de observação. O aluno com TEA é não-verbal, apresenta pouca socialização, chorando em momentos pontuais, como também dificuldade de adaptação quando levado para a sala de multimeios. O aluno precisa de um monitor durante a aula de música, pois chora ao adentrar no espaço escolar e na mudança de atividades. A dificuldade do aluno pode ter ocorrido devido ao período da volta do recesso escolar, pois indivíduos com TEA precisam de rotina para estabilidade e segurança durante as atividades, buscando a previsibilidade e organização através de padrões durante a aula de música (LOURO, 2016).

Um mês depois desse ocorrido, o mesmo aluno interagiu com os professores por meio das atividades musicais, com recursos visuais como Borboletas de EVA, utilizadas como auxílio na canção "Borboletinha". A canção foi repetida várias vezes enquanto o aluno interagia. No momento seguinte da aula, outra canção foi reproduzida com características de percussão, onde o aluno alegremente começou a bater no pote no qual as borboletas estavam guardadas. Então a professora pegou a bandinha que ela havia feito a partir de embalagens recicláveis como recurso para o aluno fazer a percussão junto ao ritmo da música. Nesse dia a aula foi somente com ele e, foi justamente o dia no qual ele interagiu muito, comparado com as aulas anteriores.

Infelizmente, ainda há falhas para lidar com alunos que possuem uma necessidade específica. Muitas escolas não possuem suporte para o recebimento desses alunos e muitas vezes, a própria família do aluno não está pronta para lidar com as especificidades da criança. E isto torna o desenvolvimento desse aluno nas aulas ainda mais restrito.

Nas escolas onde os alunos do PIBID participam como observadores é percebido diversas crianças com o TEA, o que gerou necessidade de estudos que aprofundassem o conhecimento para os futuros professores, que após formados ocuparão esses espaços, estando à frente do trabalho com diferentes alunos com necessidades especiais. Não obstante, se os pibidianos não tiverem contato desde o processo de formação docente com tais conteúdos que abordem esses temas, questiona-se a preparação destes, ou seja, como irão saber atuar com alunos com necessidades especiais.

4. CONCLUSÕES

Os estudos sobre a educação musical especial vem crescendo no campo científico de acordo com os resultados descritos por FANTINI et al. (2016), porém requer mais estudos sobre o assunto no campo da educação musical, pois o aumento de alunos neurodivergentes requer estratégias para o envolvimento e aprendizado do aluno nas atividades musicais.

O conhecimento da educação musical especial na formação docente dos pibidianos em graduação se torna necessária em virtude da falta de disciplinas e conteúdos diretamente ligados ao ensino com alunos com necessidades especiais. Através dos debates e discussões, percebe-se a importância das informações e aprendizagens que ela nos traz. Além disso, o conhecimento prepara os alunos em graduação para o momento em que tiverem que dar uma aula para uma turma que tenha alunos com alguma necessidade especial. O aprofundamento desses temas durante as reuniões do PIBID nos permite uma experiência de debates e conhecimentos, oportunizando uma capacitação maior.

Contudo, os estudos que promovem debates e argumentos para a educação musical especial, além das experiências no período de formação docente, são necessários para agregar experiência no processo de ensino dos pibidianos, transformando, de modo considerável e positivo, na formação docente em andamento. O aprendizado com imersão nos assuntos da educação musical especial requer ser consolidado na grade curricular dos alunos da graduação em música licenciatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Pibid: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**. Acesso em 12 de set. de 2023. Disponível em: <http://capes.gov.br/educacaobasica/capespibid>.

DUARTE RCB. Deficiência intelectual na criança. **Resid Pediatr**. 2018;8(0 Suple.1):17-25 DOI: 10.25060/residpediatr-2018.v8s1-04.

FANTINI, Renata Franco Severo; JOLY, Ilza Zenker Leme; ROSE, Tânia Maria Santana de. Educação musical especial: produção brasileira nos últimos 30 anos. **REVISTA DA ABEM | Londrina | v.24 | n.36 | 36-54 | jan.jun. 2016**.

GLAT, R.; FERNANDES, E. M. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. **Revista Inclusão, MEC/SEESP, n. 1, 2005**.

LOURO, V. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012.

MORALES, D. S.; BELLOCHIO, C. R. A educação musical especial em produções dos Encontros Nacionais da ABEM. In: **CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL**, 18, e SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15, 2009, Londrina. Anais... Londrina: ABEM, 2009. p. 114-126. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abem_2009.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo. **Desenvolvimento musical de crianças autistas em diferentes contextos da aprendizagem: um estudo exploratório**. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais.

ORTEGA, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **SciELO, Mana**, v.14, n. 2, p.477-509, 2008.

PÉREZ, S.G.P.B. **O adulto com Altas Habilidades/Superdotação: um sapo de outro poço. Educação Especial na EJA: contemplando a diversidade**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2007.

SCHMIDT, C. *et al*. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicol. teor. prá.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 222-235, abr. 2016.